

Leandr. Gomes de Barros

As coisas mudadas

Historia de João da Cruz
(4.º Volume)



A venda Rua do Alecrim, n. 38 E.

Ty Moderna--R Duque de Caxias--38



As cousas mudadas

A muito tempo que eu digo
O mundo está as avessas,
O povo incredulo e descrente,
Me diz você, já começa
Isto é sêde de agouro
Ou fôme de uma conversa.

Agora é que elles estão vendo
Que a cousa está em começo
Tanto que muitos já disseram
Está tudo pelo o avêso
E inda está em principio
Ainda vai pelo um terço;

Hoje se vê uma moça,
Ninguem sabe si é rapaz
Anda com calça e chapéo,
Pouca differença faz,
Vê-se até calças de velhos
Com breguilhas para traz.

E se alguem censurar isso,
O fulano se encommoda,

Responde logo eu sou velho,
Mas ainda aprecio a moda,
Minha velha tem 100 annos,
Mas quando anda olha a roda!

Ella fez saia calção
Para ficar mais faceira,
Eu tambem gosto da moda,
Sigo na mesma carreira,
Faço a calça sem breguilha,
Boto atraz uma maneira.

E note bem não há moda
Que chegue e não nos offenda
E' tanta moda que vem,
Que não ha quem comprehenda,
Muito breve os homens fazem
Calça e camisa com renda.

Outr'ora a mulher casava
Para o homem a sustentar,
Hoje uma que se case
Vá disposta a trabalhar,
Se fôr moça preguiçosa
Fica velha sem casar.

Ha homens que hoje vive
Do trabalho da mulher,
Embóra que elle só faça
Aquillo que ella quizer,

Ha de carregar no quarto
Os filhos que ella tiver.

Outr'ora, quando um rapaz
Chegava a uma certa idade,
Só se casava com moça
Que tivesse honestidade
E que o pai della tivesse
Muito bôa qualidade.

Mas, hoje, é pelo contrario.
Quando um rapaz quer casar,
Quer saber se a moça tem
Coragem de trabalhar,
Que saiba fechar cigarros
E saiba bem engommar.

Quer vêr casar-se depressa,
Seja ama ou costureira,
Professora ou modista,
Ou mesmo uma cigarreira
Ainda feia e fallada
Não falta rapaz que não queira.

Os homens de hoje só querem
Mulher para trabalhar,
A mulher de casa é elle,
Faz tudo que ella ordenar,
Para ser ama de leite
Só falta dar de mamar.

Agóra analysem bem
Um homem assim como é:
A mulher vai para a fabrica,
Elle ha de torrar café,
Faz fogo aprompta o jantar
Dar papa e banho ao bebé,

Vai vêr agua enche vasilhas,
Forra o chão com uma estoupa
Bota nella os pannos todos,
Vai ao rio e lava roupa,
E' ama, é creada, é tudo
E alli só ganha a soupa.

Se ella fôr uma esperta
Diz-lhe logo mandilhão!
Marido que não trabalha
Só tem direito ao pirão;
Se pisar fóra do risco,
Apanha de cinturão.

Você sabe que esta casa
E' igual a de Gençalo,
Enquanto existir gallinhas
Aqui não se trata em gallo;
Só se faz o que eu quizer,
Não tem santo, Pedro ou Paulo.

No tempo de meus avós
O homem só se casava,

Quando preparava a casa
De tudo que precisava,
Porque na lua de mel
Um noivo não trabalhava.

Hoje vão para a igreja,
Quando acabam de casar,
Diz-lhe a noiva: você volte
Em casa tem que arrumar,
Eu daqui vou para a fabrica,
Tenho cigarros á fechar.

E' necessario que eu vá
Ganhar o pão de consumo,
Se hoje eu não fechar cigarros,
Amanhã como me arrumo?
Em vez de cheirar a noiva,
Tem é catinga de fumo.

Isso que eu descrevo aqui
E' o costume da praça,
Agora vá ao sertão
E veja lá que desgraça!
Lá só tem Deus nos acuda
E eu não sei o que faça.

Chega-se nesses sertões
N'uma choupana daquella;
Ver-se o barbado de cócora
Alcovitando as panellas;

Um feixe de lenha junto,
Atiçando fogo nellas.

Pergunte pela mulher
Que ha de ouvir elle dizer :
Foi p'ra roça apanhar fava,
Só vem quando escurecer,
Eu fiquei sósinho em casa,
P'ra fazer o comer.

Outr'ora só se enfeitavam
As moças na flôr da idade,
Hoje vê-se cada uma
Mais velha que a eternidade !
Com marrafas e espartilho,
Cinto e suas novidades.

Tinje os cabellos de preto
Bóta pó de arroz na cara,
Mira no espelho e diz :
Sou uma belleza rara !
A fructa estando madura
Inda se torna mais cara.

As moças se affectam tanto
Para fazerem figura,
Que tem muitas que não comem ;
Para afinarem a cintura ;
Isso em minha opinião
Tem nome de cara dura.

Já foi copiada nas
págs. 587 a 609.

Continuação de João da Cruz

4.º Volume

Não tem ramo, não tem nada;
Disse ahi um satanaz,
Elle achando ella bonita,
Nem pensa no ramo mais,
Mulher illude até nós
Por mais que seja sagaz,

Ahi transformando-se um delles,
N'uma joven interessante,
Que o proprio diabo disse :
A obra está importante !
Inda estou mais animado.
Minha idéa vai avante.

Era alva, e bem corada
Altura em conformidade,
Pés pequenos, mãos bem feitas,
Cabellos em quantidade
Representando inda ter
18 annos de idade.

Tranças louras, olhos azues,
A cintura um pouco fina,
Os seios regularmente;
Maças de côr purpurina,

Chamava attenção até
Dos insectos da campina.

Trajava um fino roupão
Do melhor panno que havia ;
Um collar de ouro massiço
Sobre o pescoço pendia;
Era moderno somente
Tudo que nella se via.

Pisava modestamente,
Tinho o gesto encantador,
Admirava-se muito
Das obras do Creador,
Quem a visse só julgava
Ser um anjo do Senhor.

João da Cruz avistou ella
Quando estava em oração
Ahi ergueu a cabeça,
Elle prestou attenção ;
Deu um suspiro, sentou-se
Sentindo uma commoção.

Veio para o lado d'elle
Assim que se aproximou,
Como quem o conhecia
Sorrindo o cumprimentou ;
João da Cruz olhou bem
Depois tambem a saudou.

Perguntou-lhe João da Cruz
A donzella anda perdida ?
Não senhor, respondeu ella :
Ando distrahindo a vida ;
Venho d'alli do outro bosque,
Fui visitar uma ermida.

No verdor de nossos annos
Devemos ter distracção,
Pois é ordem natural
Nos esclarese a razão,
Quando cahir na velhice
Ahi sim, faz deichação.

Até logo, disse ella :
O soljá vai se escondendo
As suas flechas douradas;
Já vão aos poucos morrendo,
São horas dos meus pastores
Virem do monte descendo.

A Senhora móra perto ?
João da Cruz lhe perguntou :
Móro através desse monte,
Lá as suas ordens estou,
D'aqui lá é meia legua,
Para a montanha apontou.

Dê um passeio até lá,
Vá vêr o nosso castello,

A aldeia é magnifica,
Nosso palacete é bello,
Ali se póde viver
Sem conhecer-se o flagello.

Apertando a mão de João,
Pela campina seguiu,
Uma aria interessante
Entoou quando sahiu ;
Todas palavras da aria
João da Cruz as ouviu.

A ARIA

A vida é um riso
De mil esperanças;
Uma nau que nos leva
N'um mar de bonanças.

A vida é uma arvore
O fructo é o prazer,
Deus deu-nos esses fructos,
Devemos o colher.

Devemos gozar,
Nossa mocidade ;
Bebermos o aroma
Da primeira idade.

Depois que colhermos
O pomo ditoso

Veremos o pomo
Como é saboroso.

A morte nos traz
Horrores e choros
De nós rouba a vida
Extrai nossos louros.

Por isso é que brinco,
Passeio na floresta
Frequento os theatros.
Não dispenso orchrestra.

E entrou pela floresta
A vóz a montanha enchia,
Ficou João da Cruz pensando,
Essa moça quem seria !
Seu todo era de fidalga
Por toda forma atrahia.

João da Cruz se esqueceu della
Continuou a orar
Uma tarde ás 4 horas,
Elle ouviu ella cantar ;
Ergueu a vista e viu ella,
Pelo campo á passeiar.

E veio se aproximando,
Bôa tarde a elle deu,
Tenha a mesma, senhorita,

João da Cruz lhe respondeu :
Uma pedra para assento
João da Cruz lhe offereceu.

Disse ella, cavalheiro :
Estou-lhe muito obrigada,
Meu passeio hoje foi curto,
Ainda não estou cançada;
Hoje inda vou a uma festa
Quã tui hontem convidada.

Eu fui alli n'uma aldeia
Socorrer uns desgraçados
Que levaram suas vidas,
Só chorando seus peccados;
Hoje morrem na miseria,
Tristemente abandonados.

Jeão da Cruz lhe perguntou :
Com grande admiração,
Mas o homem, não tem alma,
Não tem por obrigação,
A prestar contas a Deus,
Não necessita o perdão ?

Necessita, disse ella :
O céo é um edificio
Que foi feito para o homem,
Quer tenha ou não vicio,

E' propriedade nossa,
Não precisa sacrificio.

Se Deus assim permittisse,
Nosso mundo era de espinhos,
Nossos fructos amargavam,
Eram penosos os caminhos;
Até mesmo nos faltava
De nossos paes os carinhos.

Por exemplo a penitencia
Que abuso sô são os seus !
Maltratarmos nossos corpos,
Fazemos mais que os atheus,
Temer de perder a alma
E' não confiar em Deus !

João da Cruz experimentando-a,
Como quem não tem termos
Perguntou-lhe : existe inferno ?
Respondeu ha sim, senhor ;
Era infeliz quem cahisse.
Naquelle abysmo de horror.

Para que foi feito elle?
Perguntou lhe João da Cruz :
Para que ? respondeu ella,
Foi para um anjo de luz,
O homem estava perdido
A não ter sido Jesus.

João ouvindo essa resposta
Pensou: e disse comsigo,
Esta não é como a velha,
Não vem botar-me em perigo ;
Não tem nada que venha
Da parte do inimigo.

Disse ella a João da Cruz :
Vá em nossa habitação,
Faça a sua penitencia,
Mas não prive a distracção,
Deus só exige do homem
E' ter um bom coração.

Despediu-se d'elle e disse :
No dia que quizer ir,
E' rodear esse monte,
Ver por onde ade seguir ;
Toda hora estou em casa
As ordens para o servir.

Reuniram-se os diabos
E fizeram uma sessão,
Projectando construir,
Uma linda habitação,
Que João da Cruz indo lá
Prestasse toda attenção.

Por uma magica diabolica,
De uma gruta escura e feia,

Fizeram um campo espaçoso
Representando uma aldeia,
Um castello magnifico,
N'uma planice de areia.

João da Cruz ficou pensando
Que a moça estava acertado
E era asneira do homem
Ter uma vida privada,
E a culpa é uma divida,
Que com a morte é sanada.

Valtou para sua casa,
Fez a barba e o cabello,
E disse aquelle castello
E' necessario eu ir vê-lo ;
O pai da donzella pequena
Eu preciso conhecel-o.

Eram 10 horas do dia,
João da Cruz appareceu;
Quando avistou o castello
O corpo lhe estremeceu;
Interrogava a si proprio
Mas o que foi que fiz eu ?

Quem olhava vi ali
Um palacete importante
Um sitio ao redor da casa,
Um jardim muito elegante,

Instrumentos para musica,
Muitos livros numa estante.

Zoraide essa dita moça
Que o João da Cruz tinha ido,
Tinha as vestes como nunca
Ninguém tinha possuido
Como se na roupa della,
O sol tivesse nascido.

Então João da Cruz com ella
Estava tão embellesado,
Estava esquecido do ramo
Que o anjo tinha lhe dado,
O diabo já contente,
Dizia estou arrumado !

É Continúa no diabo confessando
um Nova Seita,



6094

O auctor reserva o direito de pro
priedade

(LGB)